

formação dum International mais consensual aos princípios sindicais revolucionários que o 3º Congresso Operário Nacional, ora reunião confirmará.

A tese «Caixa de Solidariedade Operária»

A sessão abre às 21,15. Preside Felisberto Baptista secretariado por E. Relvas e Manuel Nunes. São lidas várias declarações dos congressistas que se referem ao congresso e outras em que se formulam várias afirmações acerca das relações internacionais.

Alberto Monteiro procede à leitura da tese da «Caixa de Solidariedade Operária».

Alberto Dias concorda com a tese constatando que aos presos lhes tem faltado com a solidariedade e quando recebem auxílio é insuficiente. A indústria da construção civil é que tem cuidado talvez melhor da situação dos presos, mas apesar disso o subsídio concedido é pequeno.

Os delegados mobiliários requerem que seja a discussão da tese feita na esocialidade. Aprovado.

Júlio Luis diz que devem ser os sindicatos e as federações quem deve tratar das caixas de solidariedade.

Concorda com o auxílio aos presos, fazendo várias considerações sobre o que se deve considerar «presos por questões sociais», visto o terreno da questão social ter uma grande amplitude.

Grilo propõe que a alínea a sofra a seguinte alteração: Em vez da comissão de 5 membros seja composta por 7.

Manuel Nunes defende a proposta.

Jerónimo de Sousa declara ter o seu sindicato resolvido que a caixa não seja nacional, mas sim por uniões locais. Porem, como estas são em número reduzido e não tem vida, são obrigados a mudar de opinião.

Entende que o advogado não deve ser permanente. Levanta-se um certo ruido.

Portela requer que a tese seja discutida na generalidade. Aprovado.

Jerónimo de Sousa, continuando, afirma estar de acordo com a proposta dos delegados mobiliários.

Seguem-se António Portela, Carlos Coelho e Alberto Monteiro. Santos Arranha apresenta várias emendas às alíneas a, c, e.

Falam a seguir Alfredo Lopes e Inácio Santos Viseu, que propõe a criação no norte dum delegado da Caixa a fim do auxílio a prestar aos presos seja mais rápido e eficaz.

Dão explicações Luís António Carvalho, Salvador Lamego, Júlio de Matos e Adriano Monteiro.

A discussão decorreu monotonamente. Foi dito que o Congresso se encontrava visivelmente fatigado.

Fausto Gonçalves requer que o assunto seja dado por discutido com prazo dos oradores inscritos. Apoiados.

A seguir é apresentada a seguinte questão prévia:

«O Congresso, reconhecendo o estado de fadiga em que se encontram todos os delegados e que as teses a discutir, uma não tem a oportunidade que pode supor-se à primeira vista e outras estão postas em condições para que o Congresso não está, neste momento, preparado;

O Congresso resolve que as teses que faltam discutir, baixem ao estudo da Confederação, que as estudará e executará, e contribuirá para a sua execução, na medida do possível, prestando contudo justiça às boas intenções e valioso trabalho dos seus autores.

Os delegados do Sindicato do Pessoal do Exército.

Foi também apresentado o seguinte requerimento:

«Requeiro, para aproveitamento de tempo, que se entre imediatamente na eleição do Comité Confederal e Comissão Administrativa da A Batalha. — Alberto Alves Carneiro, delegado da Associação dos Litógrafos no Porto.»

Entre-se a seguir na

Sessão de encerramento

Preside Vital José, secretariado por Júlio de Matos e Carlos Coelho.

Procedeu-se à eleição do Comité Confederal que ficou assim constituído: Secretário geral, Santos Arranha; adjunto, Jerónimo de Sousa; administrativo, Manuel da Silva Campos; arquivista, Carlos Coelho; tesoureiro, Joaquim de Sousa; vogais, Artur Cardoso e Júlio da Anunciação.

Foi deliberado que o próximo Congresso se efectue em Évora.

Sobre o conflito das fábricas de conserva de Setúbal, falou José Maria Carneiro, que expôs o estado em que ele se encontra.

O delegado dos Soldados de Olhão apresentou uma moção com as seguintes conclusões, que foi aprovada por unanimidade:

1.º Protestar contra a atitude dos industriais de conservas de Setúbal;

2.º Manifestar toda a sua solidariedade às classes em referência;

3.º Encarregar o futuro Comité Confederal de intervir junto das classes em luta para solução do conflito.

A seguir Luís António de Carvalho, nome da delegação das Juventudes Sindicais, congratula-se pelo acolhimento que elas receberam do Congresso. Critica a maneira como decorreram os trabalhos, acentuando a necessidade da educação ser feita também entre os militares. Termina afirmando a sua crença inabalável no futuro.

Vital José pronuncia o discurso de encerramento que foi aplaudido.

E assim acabou o Congresso Operário.

O assalto aos jornais

Reuniu ontem, extraordinariamente, a Comissão Administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos, para apreciar os assaltos de que foram alvo os jornais O Correio da Manhã e A Palavra. Foi resolvido protestar energeticamente contra esse facto, e convocar para hoje, pelas 15 horas, os delegados de todos os jornais a uma reunião, a fim de se resolver sobre o assunto.

SOLIDARIEDADE

Comunicam-nos Joaquim Serra, Manuel Reis e António Moreira, terem recebido 25\$00, produto de várias questões.

Classes que reclamam

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Reuniu este organismo em assembleia geral, para que o pessoal trabalhador dos entrepostos resolvesse a forma de não consentir de futuro, que os capatazes do referido pessoal continuassem a usar, como tem usado até esta data, a distribuição do pessoal, num certo e determinado serviço a executar, em que só são escalados os mais antigos, que, pela forma como o serviço é dividido, demonstra que os capatazes tem interesses ligados com as firmas que tem serviços dependentes nos entrepostos e, que a escolha do pessoal mais moderno é causa mais que suficiente para tal fim, por não conhecem de perio como esses serviços devem ser feitos, quando a administração paga a todo o pessoal que tem ao seu serviço.

Depois de alguns camaradas terem discutido o assunto e quais os inconvenientes que pode trazer de futuro, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, embora tenha o serviço da mesma Exploração uma ordem numérica, não só para a execução dos serviços da mesma, como também para a boa ordem dos serviços a executar;

Considerando que o pessoal dirigente, para seu interesse próprio a fazer a escolha de trabalhadores exerceu uma afronta, facilitando o direito de trabalho aos mais modernos, em prejuízo dos mais antigos;

Considerando, ainda, que este sistema usado é o mais contraprodutivo e briga com todos os princípios manifestados pela classe trabalhadora, e que essa forma de trabalho traz o descontentamento entre o pessoal dos entrepostos e a continuar é esse descontentamento trará para o mesmo o retrairoamento dos principios colectivos e uma divisão errônea que se vem manifestando nas reivindicações que este organismo tem que fazer às entidades da administração geral, para que, por todos os princípios se acabe, de uma vez para sempre, com tal escolha que acarreta prejuízo na unificação dos componentes desta classe;

A Associação de Classe do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa reuniu em assembleia geral, resolve:

1.º Que seja nomeada uma comissão para demonstrar o sentir da classe para assim terminar com a escolha que está prevalecendo e que representa adentro dos principios colectivos, o mercado do homem ou seja a escravidão moderna.

2.º Que uma vez porém que não sejam atendidas as deliberações tomadas nesta assembleia geral, que os trabalhadores desta classe se manifestem em sinal de protesto e em reforço das suas reclamações para que as circunstâncias materiais que advêm para todos sejam de ordem geral.

3.º Que este sindicato fique em sessão permanente até a solução satisfatória do assunto que representa a elevação moral e material da nossa classe, e que os resultados dos trabalhos executados depois de sancionados pela assembleia geral sejam publicados nos jornais diários e em especial, na «Batalha».

A sessão encerrou-se no meio de grande entusiasmo, sendo aprovado um voto de confiança à comissão de melhoramentos.

Manipuladores de Farinhas, Massas e Bolachas

Sendo necessário que esta classe tome um caminho verdadeiramente enérgico em face da resposta dos industriais à direção da Associação de Classe do Pessoal Menor dos Ministérios e Dependências convocou uma assembleia geral de classe, para amanhã, as 20 horas, na sede daquela colectividade, rua do Mundo, 81, 2º.

•••••

Pró-Jovens sindicalistas presos

Para reforçar os escassos recursos de que dispõe a Caixa de Solidariedade da J. S., realiza-se no próximo dia 4 de Novembro, uma festa cujo produto reverta a favor dos jovens sindicalistas a elas concorridos todos os camaradas conscientes que assim provarão não esquecer aqueles que sacrificam a sua vida e liberdade à grande causa dos trabalhadores. A festa que se realiza no Centro Socialista de Lisboa, cuja sala foi desinteressadamente cedida para o efeito, constará de um sarau dramático, para o que se conta com a coadjucação do Grupo Dramático «Os Choros» e Troupe Musical «O Provir».

A comissão pró-jovens presos lembra a todos os camaradas que vão hoje aos carcereiros levar um pouco de alegria àqueles que, com uma fôrte inquebrantável no advento do Idez, sofrem pacientemente as agravas da grande luta.

A comissão continua em sessão permanente.

Pessoal menor dos ministérios

Não tendo sido atendidas ainda as reclamações do pessoal menor de vários ministérios, acerca da aplicação da recente lei de melhoria de vencimentos a direção da Associação de Classe do Pessoal Menor dos Ministérios e Dependências convocou uma assembleia geral de classe, para amanhã, as 20 horas, na sede daquela colectividade, rua do Mundo, 81, 2º.

•••••

Operários municipais

Reuniu ontem para apreciar as suas reclamações, sendo debatido o assunto por vários camaradas sendo por fim aprovada uma moção, com as seguintes conclusões:

1.º Que os operários municipais acompanhem a Comissão de Melhoramentos da Câmara na sessão que se realiza amanhã.

2.º Que se elucide o público em carta aberta, para assim demonstrar a situação em que se encontram os operários e ainda por os vereadores dizerem pelos cafés que os operários ganham 9300, quando o seu salário é mínimo 3300 e máximo 480.

Pessoal do Instituto de Medicina Legal

O dr. sr. Azevedo Neves, director do Instituto de Medicina Legal, apresentou ontem ao sr. ministro da Justica, uma representação do pessoal daquele estabelecimento acerca de melhoria de vencimento que abriga da lei n.º 1355

que foi aprovada por unanimidade:

1.º Protestar contra a atitude dos industriais de conservas de Setúbal;

2.º Manifestar toda a sua solidariedade às classes em referência;

3.º Encarregar o futuro Comité Confederal de intervir junto das classes em luta para solução do conflito.

A seguir Luís António de Carvalho, nome da delegação das Juventudes Sindicais, congratula-se pelo acolhimento que elas receberam do Congresso. Critica a maneira como decorreram os trabalhos, acentuando a necessidade da educação ser feita também entre os militares. Termina afirmando a sua crença inabalável no futuro.

Vital José pronuncia o discurso de encerramento que foi aplaudido.

E assim acabou o Congresso Operário.

•••••

O assalto aos jornais

Reuniu ontem, extraordinariamente, a Comissão Administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos, para apreciar os assaltos de que foram alvo os jornais O Correio da Manhã e A Palavra. Foi resolvido protestar energeticamente contra esse facto, e convocar para hoje, pelas 15 horas, os delegados de todos os jornais a uma reunião, a fim de se resolver sobre o assunto.

Dactilógrafas do ministério do Comércio

As dactilógrafas do ministério do Comércio, entregaram uma representação ao respectivo ministro pedindo para serem equiparadas em vencimentos ás suas colegas da secretaria da Agricultura.

•••••

SOLIDARIEDADE

Comunicam-nos Joaquim Serra, Manuel Reis e António Moreira, terem recebido 25\$00, produto de várias questões.

A BATALHA

TEATRO SALÃO FOZ

TELEFONE 4354 NORTE

Companhia Beatriz d'Almeida - Jaime Zenólio

Grandioso sucesso da célebre peça

O ÁS

Chouquette - BEATRIZ D'ALMEIDA

Luminós - SILVESTRE ALEGREIM

Conferência Nacional Gráfica

Realizou-se anteontem na Casa do Povo, da Covilhã

COVILHÃ, 6. - Reuniu-se hoje pelas 10 horas, os delegados à Conferência Nacional Gráfica, na Casa do Povo da Covilhã.

Estavam presentes os delegados das Associações dos Compositores Tipográficos, Encadernadores e Anexos Impressores Tipográficos, Litógrafos e Anexos de Lisboa e Porto, Liga das Artes Gráficas do Pórtico e Imprensa Nacional de Lisboa.

A Conferência foi aberta por Delfim Pinheiro, secretário geral da Federação do Livro e do Jornal, tendo como secretários Augusto Cadete e António Ferreira. Expostos os fins da Conferência, entrou-se imediatamente na ordem dos trabalhos, que era a seguinte:

1.º - Actualização dos estatutos federais;

2.º - Regularização da publicação de O Gráfico;

3.º - Uniformidade das cotas sindicais;

4.º - Cofre de Solidariedade Gráfica;

5.º - Divisão dos trabalhos de organização, estatística e propaganda;

6.º - Assistência às Juventudes Sindicais.

Foi resolvido sobre a actualização dos estatutos federais, aguardar as reuniões do Comité Confederal para se proceder à sua modificação da harmonia com os trabalhos apresentados no III Congresso Operário Nacional.

Quanto à regularização da publicação de O Gráfico, foi reconhecida a necessidade de sua reaparição, resolvendo-se lançar uma cota suplementar de 10 centavos mensais por sindicado.

Sobre a uniformidade das cotas sindicais assentou-se aguardar as reuniões do Comité Confederal, visto que o Congresso Operário Nacional nada saiu de definitivo.

Foi aprovado que o fundo existente

sido resolvido continuar em greve até que as suas reclamações sejam satisfeitas integralmente, pois preferem morrer de fome não trabalhando, a morrer para morrer de fome.

O moral da classe é excelente, continuando-se a receber oferecimentos de vários comerciantes, para auxiliarem os grevistas durante o movimento.

Operários de conservas de Setúbal

SETÚBAL, 6. - As classes em greve reuniram hoje em sessão magna na Associação dos Soldados, para apreciar a resposta ao pedido de aumento de salário apresentado há mais de três meses e mais recentemente, há três semanas, cujo tempo foi preciso aos industriais para concederem o favor de uma resposta que traduziu uma

CONTOS DE "A BATALHA"

O SENHOR DO PAÇO DE RIBA DE ALVA

A alma ferida por desilusões e desengano, o espírito saturado da vida agitada que levava na cidade, Guilherme Torreão, amaldiçou os cobres que amontoava durante longos anos de caneiros, dispôs a ir acabar os seus dias no confinado da Beira, na terra onde nasceria e que durante a sua permanência em Lisboa, para onde viera de tempos a vibrar de risonhas esperanças, raramente visitaria.

Empregava-se, após a chegada à capital, numa mercearia que, mais tarde, tomou em suas condições ao patrão. Depois de alguns anos, já espôs e pai de dois filhos, aproveitando um passeio vantajoso, desfez-se também da loja, abrindo, para dar repouso ao corpo, um armazém de antiguidades.

Sofreu Guilherme uma desilusão, por quanto imaginava ir reposar nessa nova ocupação, bem depressa reconheceu que o novo mister lhe absorvia todas as energias. O seu espírito impregnava-se tam profundamente do ar surridente amontoado de coisas raras que era o seu armazém que vivia quase afastado do convívio exterior, alheio às manifestações vivificantes da cidade que progressivamente ia transformando-se, estendendo as suas rias amplas para os arredores verdejantes, como fomes saudade que se espreguiasse alargando voluptuosamente os membros entorpecidos.

Os dias na Beira passava-os Guilherme mergulhado em funda tristeza, como um condenado no deserto. Afetado a tropessar em móveis acomodados os compartimentos exigentes das habitações de Lisboa, as salas amplíssimas e paredes caídas e altos lambriços coloridos, pousava-lhe na gola suja do casaco. Guilherme vivia sem esperanças; e da amarga desilusão do seu espírito nasceu a firme resolução de ir acabar os seus dias pás pais lhe legaram.

* * *

Os dias na Beira passava-os Guilherme mergulhado em funda tristeza, como um condenado no deserto. Afetado a tropessar em móveis acomodados os compartimentos exigentes das habitações de Lisboa, as salas amplíssimas e paredes caídas e altos lambriços coloridos, pousava-lhe na gola suja do casaco. Guilherme vivia sem esperanças; e da amarga desilusão do seu espírito nasceu a firme resolução de ir acabar os seus dias pás pais lhe legaram.

O seu passos eram apenas da loja para os leilões, dos quais tinha conhecimento pelos anúncios dos jornais, sempre em procura de artigos de valor raro. Ganhou assim relações na roda assidua dos leiloeiros; trouxe conhecimento das pessoas entendidas que o ilucidavam sobre o valor das peças leiloadas.

O Boticário de Guilherme tornou-se dessa forma um cenaculo grave e eruditos que classificavam, tiravam ou atribuiaiam valor aos objectos expostos.

Quando que Torreão supunha de redondo valor eram dadas por autênticos exemplares de Delft ou das olarias de Flandres; figurinhas delicadas de porcelana terra-cota eram oriundas de Sevres ou Limoges; telas emolduradas tinham valor incalculável; nas figuras que representavam as paisagens que interpretavam adivinhava-se a técnica dos seus autores; eram de Velasquez, de Tintoretto, ou dos mestres flamengos, velhos panos ou tapeçarias magníficas de Arras, de Arraiolos, ou saídas das mãos habilidosas dos artífices orientais, rendas leves e vaporosas como os mantos foram manufacturados em Chantilly, em Valenciennes ou em Penicuque, peças de mobília pertenciam aos estilos clássicos — Luis XIV, Luis XV, Luis XVI, quando não eram tomadas pelo encanto e confortável estilo britânico.

Tudo classificavam essas pessoas grávidas, tudo seleccionavam, tudo distinguiam os olhos impressionados de Guilherme, que ouvia sem responder, admiraiva sem contestar — como um automato, em silêncio, no recolhimento de quem absorve, de quem adora.

Porque isto assim nem é vida, nem é nada, sr. Torreão — rematava.

Guilherme, num encolher de ombros

de que esta, morava-se a ouvir as expansões do mundo, que ansava por desabafar. Como a esposa lhe não proporcionava uso para ele mostrar todos os seus conhecimentos profissionais, langava-se a discutir acaloradamente com o príncipe conhecido que encontrava. E por ele era um espírito embotado pela paixão, um obsecado, sofría intimamente quando as suas opiniões eram contraditas, alterava-se quando o rebatiam. As estúrdas alterações seguiam-se crises amargura e desilusão, serendando por com as consolações ternas da esmola e com a presença dos filhos, tristes abatidos.

Depois, calmo e enternecido, punhava a contemplar avidamente a sua coleção preciosa, abarcando em demônios olhares de ternura e desvaneceamento o recheio da sua loja. E quando os leilões ruidosos conseguia adquirir um objecto disputado com interesse, entrava a sua, sorridente, a elaborar cálculos mentais sobre os lucros prováveis que tal aquisição lhe daria.

Quasi sem lhe notar, os anos iam saindo; envelheceram. Os filhos morreram, cavando-lhe esse facto na alma desgosto profundo. Atrás dos filhos veio a mulher, que não poderá so-

Agora assistia com indiferença aos arrebatamentos espirituais de Torreão, que cuidadosamente a informava das maravilhas que ia adquirindo. Mas a pobre senhora, que desconhecia o valor dessas velharias e antes alimentava na alma a saudade que lhe ficava da loja viveres que era frequentada por quem ele se entenava, morava-se a ouvir as expansões do mundo, que ansava por desabafar.

Como a esposa lhe não proporcionava uso para ele mostrar todos os seus conhecimentos profissionais, langava-se a discutir acaloradamente com o príncipe conhecido que encontrava. E por ele era um espírito embotado pela paixão, um obsecado, sofría intimamente quando as suas opiniões eram contraditas, alterava-se quando o rebatiam. As estúrdas alterações seguiam-se crises amargura e desilusão, serendando por com as consolações ternas da esmola e com a presença dos filhos, tristes abatidos.

Depois, calmo e enternecido, punhava a contemplar avidamente a sua coleção preciosa, abarcando em demônios olhares de ternura e desvaneceamento o recheio da sua loja. E quando os leilões ruidosos conseguia adquirir um objecto disputado com interesse,

entrava a sua, sorridente, a elaborar cálculos mentais sobre os lucros prováveis que tal aquisição lhe daria.

Também tem montada uma seção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos carimbos de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não restando concorrência.

A nossa divisa será Honestidade e audácia para vencer, esperando que o público e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

8 de Outubro de 1922 achou-se na oficina dos martelos pilões e da prensa de forjar, adormecida aquela hora, com as suas monstruosas ferramentas, a sua prensa de fôrça de duas mil toneladas, os seus martelos de fôrças menores, escalonados, que no fundo da semi-escridade tinham perfis negros e alentados de deuses bárbaros. Ali, precisamente, tornou a encontrar as granadas, outras granadas que naquele dia mesmo tinham sido fôradas em matriz, no mais pequeno dos martelos pilões, ao saírem da lingüeteira, apôs um recôncavo. Depois, o que o interessou, foi o tubo dum grande canhão de marinha, do comprimento de seis metros, ainda morto de ter passado pela prensa, ondulado de forma de bala, e com a sua granada de mandibulas redondas, e vassouras em cada lingüeteira. O metal sórria num jacto de lava branca, com um leve tom rosado, num fulgor de lâminas centelhas azuis, dum delicadeza de flores. Dir-se-ia que ele transvasava claros licores palhetados doiro, depois da oficina do fôrno Martin e da moldagem d'apo.

Então, Lucas foi até ao cabô, atravessou também esta oficina, a mais vasta de todas, onde as grandes peças eram fundidas. O fôrno Martin permitia varar o aço em fusão por quantidade considerável, em fôrmas de fundição, ao passo que duas pontes eléctricas rotativas, de oito metros de altura, transportavam com uma espécie de suavidade oleosa, a todos os pontos, peças gigantes, do peso de muitas toneladas. As granadas tinham-no interessado, via-as esfriar, perguntando a si mesmo onde estavam os homens que elas viriam a matar um dia. E como passasse a oficina próxima, torno um imenso telheiro fechado,

coes purpuras, separaram das escórias os calhinos, o mestre fundidor tomou êstes vivamente, com a sua granada de mandibulas redondas, e vassouras em cada lingüeteira, arrancou o calhino, ou para fora com gesto fácil, à força pulso, esse peso de cinquenta quilogramas, pinça e calhino compreendendo, poiso-nos no chão, tal como um anel de sol, dum alvura deslumbrante, que logo se tornou côr de laranja. E tudo isto se fazia sem ruído, com gestos precisos e legeres, dum alvura deslumbrante, no brilho e no calor do fogo que transformava a oficina inteira em um brazeiro devorador.

Lucas por falta de hábito, sufocou, não pôde estar ali mais. A quanto ou cinco metros dos fornos, o seu rosto assava-se, um suor ardente lhe inundava o corpo. As granadas tinham-no interessado, via-as esfriar, perguntando a si mesmo onde estavam os homens que elas viriam a matar um dia. E como passasse a oficina próxima,

Num rápido alentamento dos rins, em movimentos ritmicos e aéreos, uma mão afastou-se, escorregando longo da haste, até que a outra reuniu-se-lhe, arrancou o calhino, ou para fora com gesto fácil, à força pulso, esse peso de cinquenta quilogramas, pinça e calhino compreendendo, poiso-nos no chão, tal como um anel de sol, dum alvura deslumbrante, que logo se tornou côr de laranja. E tudo isto se fazia sem ruído, com gestos

precisos e legeres, dum alvura deslumbrante, no brilho e no calor do fogo que transformava a oficina inteira em um brazeiro devorador.

Lucas por falta de hábito, sufocou, não pôde estar ali mais. A quanto ou cinco metros dos fornos, o seu rosto assava-se, um suor ardente lhe inundava o corpo. As granadas tinham-no interessado, via-as esfriar, perguntando a si mesmo onde estavam os homens que elas viriam a matar um dia. E como passasse a oficina próxima,

um pouco mais limpo que os outros, desenvolvendo em duas linhas admiráveis ferramentas, dumas delicadezas, dum aço incomparável. Havia apladeadeiras para a blindagem de navios, que alizavam o metal como aplaina dum marceneiro aliza a madeira. Havia sobretrato tórnos, dum mecanismo complicado e preciso, lindos como joias, engracados como brincos de crianças. De noite só alguns estavam em movimento, cada um alumado por uma lâmpada eléctrica, fazendo apenas um leve ruído, um dôce murmurio, no meio do grande silêncio. E tornou a ver as granadas, outras granadas que naquele dia mesmo tinham sido fôradas em matriz, no mais pequeno dos martelos pilões, ao saírem da lingüeteira, apôs um recôncavo. Depois, o que o interessou, foi o tubo dum grande canhão de marinha, do comprimento de seis metros, ainda morto de ter passado pela prensa, ondulado de forma de bala, e com a sua granada de mandibulas redondas, e vassouras em cada lingüeteira. O metal sórria num jacto de lava branca, com um leve tom rosado, num fulgor de lâminas centelhas azuis, dum delicadeza de flores. Dir-se-ia que ele transvasava claros licores palhetados doiro, depois da oficina do fôrno Martin e da moldagem d'apo.

Então, Lucas foi até ao cabô, atravessou também esta oficina, a mais vasta de todas, onde as grandes peças eram fundidas. O fôrno Martin permitia varar o aço em fusão por quantidade considerável, em fôrmas de fundição, ao passo que duas pontes eléctricas rotativas, de oito metros de altura, transportavam com uma espécie de suavidade oleosa, a todos os pontos, peças gigantes, do peso de muitas toneladas. As granadas tinham-no interessado, via-as esfriar, perguntando a si mesmo onde estavam os homens que elas viriam a matar um dia. E como passasse a oficina próxima,

um pouco mais limpo que os outros, desenvolvendo em duas linhas admiráveis ferramentas, dumas delicadezas, dum aço incomparável. Havia apladeadeiras para a blindagem de navios, que alizavam o metal como aplaina dum marceneiro aliza a madeira. Havia sobretrato tórnos, dum mecanismo complicado e preciso, lindos como joias, engracados como brincos de crianças. De noite só alguns estavam em movimento, cada um alumado por uma lâmpada eléctrica, fazendo apenas um leve ruído, um dôce murmurio, no meio do grande silêncio. E tornou a ver as granadas, outras granadas que naquele dia mesmo tinham sido fôradas em matriz, no mais pequeno dos martelos pilões, ao saírem da lingüeteira, apôs um recôncavo. Depois, o que o interessou, foi o tubo dum grande canhão de marinha, do comprimento de seis metros, ainda morto de ter passado pela prensa, ondulado de forma de bala, e com a sua granada de mandibulas redondas, e vassouras em cada lingüeteira. O metal sórria num jacto de lava branca, com um leve tom rosado, num fulgor de lâminas centelhas azuis, dum delicadeza de flores. Dir-se-ia que ele transvasava claros licores palhetados doiro, depois da oficina do fôrno Martin e da moldagem d'apo.

Então, Lucas foi até ao cabô, atravessou também esta oficina, a mais vasta de todas, onde as grandes peças eram fundidas. O fôrno Martin permitia varar o aço em fusão por quantidade considerável, em fôrmas de fundição, ao passo que duas pontes eléctricas rotativas, de oito metros de altura, transportavam com uma espécie de suavidade oleosa, a todos os pontos, peças gigantes, do peso de muitas toneladas. As granadas tinham-no interessado, via-as esfriar, perguntando a si mesmo onde estavam os homens que elas viriam a matar um dia. E como passasse a oficina próxima,

desalentado, respondia sempre, invariavelmente:

— Um dia deixo este deserto e prego contigo em Lisboa.

— Qual Lisboa nem qual carapuça contestava a velha que fôr criada no campo; em toda a parte se está bem, a questão é a gente querer costumar-se.

— Isso nos seus conselhos:

— Há muito onde entreter os olhos por estes lugares. Dê por aí umas voltas, e há de ver como se distrai. Credo, nem um mungo levaria a vida que o patrão aqui leva.

— Estando os fidalgos?

— Não, foram acompanhar a senhora fidalgos ao seu palácio do Porto.

— Entrevi-los a conversar. Insatisfeita, Guilherme assediava o criado com perguntas a que ele descondescia, respondendo a deseo do antiquário.

— O fidalgo? Quem é aqui o fidalgo?

— E' que dum momento para o outro pode aparecer o fidalgo — tornou o criado.

— Vamos, senhor — insistiu o criado.

— Mais um momento; só mais um momento — repetia o antiquário.

— E' que dum momento para o outro pode aparecer o fidalgo — tornou o criado.

— Vamos, senhor — insistiu o criado.

— Ah! Ah! Ah! Não me conheces?

— Eu ou o fidalgo! Ah! Ah! Ah!

— Eu sou o dono de tudo isto!

— Abre o seu palácio do Porto.

— Entrevi-los a conversar. Insatisfeita, Guilherme assediava o criado com perguntas a que ele descondescia, respondendo a deseo do antiquário.

— O fidalgo? Quem é aqui o fidalgo?

— E' que dum momento para o outro pode aparecer o fidalgo — tornou o criado.

— Vamos, senhor — insistiu o criado.

— Ah! Ah! Ah! Não me conheces?

— Eu ou o fidalgo! Ah! Ah! Ah!

— Eu sou o dono de tudo isto!

— Abre o seu palácio do Porto.

— Entrevi-los a conversar. Insatisfeita, Guilherme assediava o criado com perguntas a que ele descondescia, respondendo a deseo do antiquário.

— O fidalgo? Quem é aqui o fidalgo?

— E' que dum momento para o outro pode aparecer o fidalgo — tornou o criado.

— Vamos, senhor — insistiu o criado.

— Ah! Ah! Ah! Não me conheces?

— Eu ou o fidalgo! Ah! Ah! Ah!

— Eu sou o dono de tudo isto!

— Abre o seu palácio do Porto.

— Entrevi-los a conversar. Insatisfeita, Guilherme assediava o criado com perguntas a que ele descondescia, respondendo a deseo do antiquário.

— O fidalgo? Quem é aqui o fidalgo?

— E' que dum momento para o outro pode aparecer o fidalgo — tornou o criado.

— Vamos, senhor — insistiu o criado.

— Ah! Ah! Ah! Não me conheces?

— Eu ou o fidalgo! Ah! Ah! Ah!

— Eu sou o dono de tudo isto!

— Abre o seu palácio do Porto.

— Entrevi-los a conversar. Insatisfeita, Guilherme assediava o criado com perguntas a que ele descondescia, respondendo a deseo do antiquário.

—

